O Avesso da Tapeçaria – Notas Sobre A Arte da Tradução, de Alberto Manguel, traduzido por Rita Almeida Simões

Recensão crítica de Paulo Nóbrega Serra
Centro de Investigação em Artes e Comunicação – Universidade do Algarve

DOI: 10.34640/universidademadeira2024serra

Translocal 5 - V6 PRINT.indd 207 25/06/2024 08:48

Foi recentemente lançado *O Avesso da Tapeçaria – Notas Sobre A Arte da Tradução*, de Alberto Manguel, autor publicado pelas Edições Tinta-da-China.

Este livro, em estreia mundial, com tradução de Rita Almeida Simões, é um ensaio inédito do autor argentino e representa uma declaração de amor do bibliófilo Alberto Manguel aos tradutores e à tradução, tendo ele próprio trabalhado como leitor e tradutor para várias editoras. No "Prefácio", Manguel conta como começou a traduzir justamente para poder dar a conhecer a amigos algumas obras que sabia que não seriam capazes de ler no original.

O Avesso da Tapeçaria constitui um conjunto de 44 entradas avulsas, maioritariamente breves, com 2 a 3 páginas (e todas designadas por um único substantivo, à excepção de uma: "Bom Tempo"), que se podem ler ou não sequencialmente, pois são sempre fragmentos autónomos. Viajando ao longo de várias épocas, e apresentando exemplos de diversos autores, tradutores e obras, inclusive casos específicos portugueses, Alberto Manguel faz neste livro aquilo que o distingue: mostra erudição de forma ligeira, em jeito de apontamentos dispersos, por vezes líricos, onde exalta a técnica da tradução – uma arte que é, afinal, um ofício que requer o condão da invisibilidade. Pode-se mesmo pensar neste livro como um tratado ou manual de boas práticas, pelas máximas e regras que esporadicamente dita de como fazer uma *boa* tradução.

Porque a fluidez com que nos escreve é o jeito leve de quem fala com o leitor, de forma cordial e generosa, sem revelar superioridade ou aridez no seu discurso, as palavras que chegam ao leitor, e que lemos como sendo a voz de Manguel, são, na verdade, um texto por sua vez reconstruído pela voz da Rita Almeida Simões. Texto esse que será ainda, uma vez mais, reconfigurado pelo poder criativo do leitor, que tem sempre a última palavra no texto. Afinal a arte do tradutor reside, sobretudo, na sua capacidade de se tornar invisível, e o título *O Avesso da Tapeçaria* é perfeitamente ilustrativo disso. De certo modo, este livro surge em resposta a uma passagem de *Dom Quixote*, desmontando o mito de que as traduções não podem ser honestas. Na obra agora editada, pode ler-se a certa altura que "traduzir de uma língua para outra […] é como quem olha as tapeçarias flamengas pelo avesso", pois, "embora se distingam as figuras, estão cheias de fios que as obscurecem, e não se vêem com a nitidez e a superfície delicada da face" (p. 71). A referência a *Dom Quixote* surgira já na dedicatória, pois Manguel dedica este livro ao "mourisco anónimo que completou em mês e meio" a tradução da obra-prima de Cervantes, a troco "de uns meros trinta quilos de passas e duzentos quilos de trigo".

Manguel relembra-nos, assim, que ainda que um leitor crédulo se tente convencer de que as vozes que nos falam a partir das nossas estantes são as vozes dos autores originais, cujo nome figura na capa, a verdade é que as vozes de Kawabata ou Shakespeare nos chegam já em sobreposição – o que não implica que isso signifique que no texto haja deturpação ou interferência. E um livro não valerá menos por isso, nem o seu dono deve ter disso motivo de vergonha. Há casos específicos, como o da literatura japonesa publicada em Portugal, em que inclusive as vozes "nipófonas" são primeiro vertidas em inglês e depois passadas para a nossa língua. A tradução pode ser encarada "como duplo do texto original" (p. 65), ou até como "sombra do texto original" (p. 129), mas o objectivo de um bom tradutor será sempre o da "sincronização perfeita", num "eco da voz original" (p. 67). Não obstante, um leitor é "sempre caprichoso" (p. 121), e há casos paradigmáticos de leitores mais exigentes, cujo "julgamento convoca parâmetros novos e raras vezes concedemos ao tradutor as qualidades que concedemos ao autor": a fluência, a clareza, a inteligibilidade são exemplo desses méritos que "negamos (ou atribuímos) ao tradutor" (p. 120).

Além da tapeçaria, uma outra metáfora presente no livro é o palimpsesto, símbolo da tradução como "uma versão que se sobrepõe a outra […] e jamais pode pretender ser a última" (p. 35). Talvez por isso mesmo, ainda hoje há grandes obras que continuam a chegar em novas e melhoradas

Translocal 5 - V6 PRINT.indd 208 25/06/2024 08:48

traduções, pois estas são releituras que nunca se esgotam, não no sentido de porfiar o sentido original, mas sim com o fito de se aproximar mais da fonte. Aliás, Manguel vai mais longe, alegando que o "trabalho dos tradutores é actualizar a literatura" (p. 91). O autor defende, pois, que os tradutores "acalentam uma esperança secreta", ao traduzir para o aqui e agora, especialmente quando se trata de clássicos: reside neles "o desejo de se dirigirem não só aos leitores desta margem e deste baixio do tempo, mas também àqueles cujos jargões ainda não foram inventados, novas palavras que um dia lhes abrirão os olhos para novos significados." (p. 91).

É justo dizer que, naturalmente, esta vontade de adaptar o texto original ao espírito do leitor-alvo também pode resultar em *más* traduções, e é por isso mesmo que toda a discussão em torno dessa arte – ainda mais provocada por um ensaio como o de Manguel – se torna mais premente. Veja-se o caso de leitores que pousaram obras de Murakami, por nelas encontrarem alusões e referências, ou até algumas bengalas, que não fazem qualquer sentido num autor japonês…

Num tempo em que se discute tanto a tradução feita com programas de Inteligência Artificial, e onde, cada vez mais, obras perdem o seu fulgor, e o seu verdadeiro sentido, justamente porque

Translocal 5 - V6 PRINT.indd 209 25/06/2024 08:48

chegam ao leitor como traduções literais e automáticas, em que as palavras são meros blocos sem vida que se sobrepõem de modo a formar frases, este é um livro essencial que revaloriza a literatura traduzida:

> Cada língua se desdobra de modo diferente e por razões emocionais e gramaticais diferentes. A chamada tradução correcta é um rótulo burocrático, não uma exigência estética, e os tradutores não são burocratas, a não ser que queiram falhar. Trabalham sobretudo em segredo, e os seus nomes raras vezes são lembrados, mesmo quando, graças ao seu talento, um livro ultrapassa as fronteiras da sua língua e se torna parte do tesouro de outra nação. (p. 36)

É cada vez mais justo que uma boa parte das editoras comece a apresentar na capa de um livro traduzido o nome do tradutor, até porque essa assinatura também lhe confere um selo de qualidade. Pode, aliás, dar-se o caso de um leitor se decidir a ler aquele livro, daquele autor que desconhece, porque reconhece o nome do autor da tradução, que lhe inspira confiança. No caso português, parece ainda seguro afirmar que há autores que são sistematicamente traduzidos pelo mesmo tradutor, o que ressoa as palavras de Manguel: "É verdade que um tradutor que conhece o seu ofício sabe mais sobre a obra que está a traduzir do que o próprio autor." (p. 132).

A certa altura, podemos ler como "Dante acreditava que nenhuma tradução poderia alguma vez ser apartada da sua morada original" (p. 49). Por isso, e como acontece com alguns puristas (por exemplo, aqueles que afirmam preferir ler Proust em francês, pois a musicalidade e o ritmo podem perder-se se o texto não for lido na versão original), Dante terá preferido não ler Homero, uma vez que não sabia grego, ainda que tenha concedido a Homero um lugar de destaque no Primeiro Círculo do Inferno. Talvez a Dante faltassem bons tradutores, ao contrário do caso português, onde se destacam tradutores como Frederico Lourenço, que se tem dedicado a traduzir as epopeias clássicas, assim como o texto bíblico a partir do grego. A este propósito, considere-se ainda Montaigne, autor pouco "seguro das vantagens da tradução", que, embora se mostrasse grato por poder ler os clássicos gregos em francês, "considerava as várias traduções da Bíblia empreendimentos perigosos, em que via o risco da má interpretação como maior do que o da impenetrabilidade" (p. 38). Como é apanágio de Manguel, este não se coíbe de uma nota de humor, quando conclui que, quanto aos "escritos divinos, Montaigne aparentemente valorizava a reverência em detrimento da compreensão" (p. 38).

Uma tradução também pode ser encarada como "obra criada", não por imitação ou impostura, mas "enquanto algo novo, uma obra de arte em si mesma" (p. 116). Há aliás autores que não se terão coibido de deixar o seu cunho pessoal em traduções feitas por motu proprio.

Nas suas divagações e tresleituras, que embalam um leitor embevecido ao longo de um livro que se lê de um fôlego, há uma preciosa passagem em que se fala sobre o domínio da máquina e da Inteligência Artificial que arriscam tornar certas profissões obsoletas. Manguel ressalta sobretudo, não é demais repetir, como "Só as traduções medíocres revelam todo ou quase todo o texto original, cada sequência de palavras, cada vírgula, cada palavra, cada erro tipográfico" (p. 132).

Perto do final do livro, podemos ler como "os filhos de Adão herdaram a paixão pela tradução." (p. 107). Tal não será por acaso, pois há breves passagens que parecem tocar essa ideia, sem no entanto a aprofundar – mais especificamente, quando Manguel evoca *O Filósofo Autodidacta*, um romance de Ibn Tufail (médico, teólogo e filósofo do século XII que serviu na corte do califa almóada de Marraquexe): a ideia de que nós, humanos, somos sobretudo leitores do mundo em que nos é dado viver, pois o mundo (e aqui remetemos para uma certa filosofia medieval) é um jardim divino e, sobretudo, um texto que cabe ao humano decifrar "por meio da razão e do sentimento" (p. 45). O destino humano parece, assim, ser uma senda procurando a iluminação, sendo que a iluminação se alcança justamente "traduzindo para a sua na-

Translocal 5 - V6 PRINT.indd 210 25/06/2024 08:48

tureza humana o mundo natural que o rodeia: os outros animais, as árvores e plantas, as pedras, as estrelas." Assim, pensando em Hayy, o protagonista do livro de Ibn Tufail, como personificação de cada um de nós, leitores do mundo, Manguel afirma: "o universo, se bem lido, é um livro traduzido para a sua compreensão" (p. 46). Da mesma forma que, como se pode verificar adiante, o ser humano também se demarca como um leitor que procura harmonia no caos. Manguel elabora o argumento de que embora as "experiências do mundo em que vivemos chegam-nos sem um sistema reconhecível, por nenhuma razão inteligível", nós continuamos a acreditar na necessidade da imposição de uma lei e ordem:

> Ansiosamente, arrumamos tudo em ficheiros, em compartimentos, em secções distintas; febrilmente, distribuímos, classificamos, rotulamos. Sabemos que esta coisa a que chamamos universo não tem um início significativo ou um fim compreensível, nenhum propósito discernível, nenhum método na sua loucura. Mas insistimos: tem de fazer sentido, tem de significar alguma coisa. Portanto, damos nomes às coisas nas línguas que falamos, a fim de lhes conferir coerência e significado. (p. 107)

E ainda a este propósito, o da obsessão de nomear as coisas, Manguel não se coíbe, logo depois, de aligeirar o tom, dando novamente provas do seu fino humor e da sua ironia, como na passagem:

> Não aceitamos a ambiguidade inerente a qualquer objecto que cative a nossa atenção e que diga, como a voz da sarça-ardente: «Eu sou aquele que sou.» «Está bem», acrescentamos, «mas também és um espinheiro, Prunus spinosa», e atribuímos-lhe o seu lugar na prateleira. (p. 107).

Translocal 5 - V6 PRINT.indd 211 25/06/2024 08:48

Manguel reconhece ainda que, mesmo quando usa a linguagem para traduzir a nossa experiência, o ser humano não se limita a traduzir: "enriquece-a com tudo o que essa experiência implica, tudo o que não é dito. Vemos uma coisa, e a linguagem nomeia essa coisa e o que a rodeia, e também o mundo que a contém, e o tempo antes e depois" (p. 57). Porque pela linguagem não só podemos descrever um jardim ou um mundo, como inclusivamente almejamos chegar a sítios onde não somos humanamente capazes de ir.

São passagens (e não é por acaso que as citamos com alguma extensão) que relevam Manguel como um brilhante ensaísta que, neste livro, nos deixa um tratado sobre os méritos da boa tradução que é também uma pequena pérola com o seu próprio brilho lírico.

Alberto Manguel (1948, Buenos Aires) cresceu em Telavive e na Argentina, e adoptou a nacionalidade canadiana em 1982. Aos 16 anos, quando trabalhava na livraria Pygmalion, em Buenos Aires, Jorge Luis Borges pediu-lhe que lesse para ele em sua casa. Foi leitor de Borges entre 1964 e 1968. Em 1968, mudou-se para a Europa. Viveu em Espanha, França, Itália e Inglaterra. É ensaísta, romancista premiado e autor de vários *bestsellers* internacionais. Foi director da Biblioteca Nacional da Argentina entre 2016 e 2018. Recebeu o Prémio Formentor das Letras em 2017. Actualmente, vive em Lisboa, onde dirige o Espaço Atlântida.

Rita Almeida Simões (1982, Lisboa) é licenciada em Estudos Portugueses e pós-graduada em Edição de Texto, pela Universidade Nova de Lisboa. É tradutora de inglês, francês e espanhol e revisora linguística profissional desde 2003. Colaborou com empresas de tradução técnica nacionais e internacionais e depois dedicou-se ao mercado editorial português, trabalhando para empresas como Tinta-da-China, Dom Quixote, Quetzal, Asa, Ponto de Fuga, Penguin, Gradiva, Teorema, Bertrand, Principia, Presença, Sextante. Como tradutora, tem vertido autores como Alberto Manguel, William Maxwell, Jenny Diski, Pat Barker, Almudena Grandes, Beatriz Sarlo, Bram Stoker, Rachel Ingalls, George S. Schuyler, Dubravka Ugresic.

Translocal 5 - V6 PRINT.indd 212 25/06/2024 08:48